

Cena primeira

*Veneza. — Uma rua.
Entram Rodrigo e Iago.*

RODRIGO

Iago! Não digas mais! Muito a mal levo
Que tu, que usaste a minha bolsa como
Se os cordões fossem teus, souberas disso...

IAGO

Por Deus! Não me quereis ouvir? Se alguma vez
Imaginei tal coisa, renegai-me!

RODRIGO

Disseste que lhe tinhas ódio.

IAGO

Desprezai-me,

Se assim não é. Com o chapéu na mão,
Três homens grados da cidade foram
Rogar que me fizera seu tenente.
À fé de homem, sei quanto valho e valho
Não menos que esse posto. Mas o Mouro,
Prezando o seu orgulho e seus propósitos,
Furtou-se com pomposa verborreia,
Recheada de epítetos guerreiros
E, afinal, repeliu os seus empenhos.
Pois, disse, «Oficial já 'scolhi eu.»
E quem era? Por minha fé, um aritmético:
Era um tal Miguel Cássio, florentino,
Um que se danou quase de uma bela,
Que nenhum esquadrão levou à guerra
Nem da arte da batalha sabe mais

Que uma fiandeira — salvo o que vem nos livros,
 E disso um cônsul de toga há-de discorrer
 Melhor do que ele. Lábia muita e pouca prática,
 Eis a sua estratégia. Mas foi o eleito;
 E eu, que dei ao Mouro tantas provas
 Em Rodes, Chipre e outras tantas terras
 Cristãs e pagãs, tenho de ficar à sombra
 Do outro,
 Do deve-haver. Pois esse guarda-livros
 Em bo' hora será tenente dele,
 E eu, bendito alfer's de sua mouridade.

RODRIGO

Por Deus! Antes qu'ria ser seu verdugo!

IAGO

Quê, que remédio! É praga do servir:
 Só por empenho e afeição se sobe
 Não p'la velha graduação em que o segundo
 Herdará do primeiro. Julgai pois, senhor,
 Se tenho algum motivo justo p'ra que deva
 Gostar do Mouro.

RODRIGO

Eu, a ti, não o seguia.

IAGO

Senhor, ficai tranquilo!
 Se o sirvo é p'ra servir minha desforra;
 Nem todos podem ser amos, nem todo o amo
 Pode ter fiéis servos. Já decerto vistes
 Muito lacaios devotado, de joelhos,
 Que, adorando a servil dedicação,
 Dá o seu tempo, como o burro, ao amo,
 Só p'la forragem e que, quando chega a velho,
 É lançado na rua. Ah! Açoitai-me
 Tais honestos lacaios! Outros há
 Que, arvorando a figura, a face do dever,
 Guardam no coração o próprio int'resse,
 E dando-se ares de servir o amo
 Forram-se à custa deste; e, bem forrados,
 São amos de si próprios. Tais fulanos
 Algo hão-de ter na alma.
 Declaro que sou desses. Pois, senhor,
 Tão certo como serdes vós Rodrigo,

Fora eu o Mouro, não queria ser Iago.
Eu ao segui-lo só me sigo a mim
— O céu o atesta —, não por amor nem dever,
Mas, fingindo-os, para os meus próprios fins.
Pois, quando os meus feitos mostrarem por fora
Sob o exterior de deferência
O acto que se oculta no meu coração,
Pondo este a nu, não tarda que o debique
Qualquer gralha. Eu não sou o que sou.

RODRIGO

Que fortuna há-de ter esse beijudo
P'ra assim levar a dele!

IAGO

Chamai o pai dela.
Acordai-o. Lançai-o atrás do Mouro
A chagar-lhe o prazer. Clamai por ele
P'las ruas; inflamai os parentes da moça
E, embora ele viva em clima fértil,
Infestai-o de moscas; dita tenha, sim,
Mas atirai-lhe tal carga de contratemplos
Que perca a frescura.

RODRIGO

A casa do pai dela. Vou chamá-lo aos gritos.

IAGO

Isso, em tom temeroso e infaustos brados
Como quando, de noite e por desleixo, o fogo
Se declara num populoso burgo.

RODRIGO

Eh! Brabâncio! Senhor Brabâncio! Oh!

IAGO

De pé! Oh! Brabâncio! Ladrões! Ladrões!
Olhai p'la casa, pela filha e pelas arcas!
Ladrões! Ladrões!

Entra Brabâncio, em cima, assomando à janela.

BRABÂNCIO

Qual o motivo deste tremendo alarido?
Que se passa aí?

RODRIGO

Signor, tendes toda a família em casa?

IAGO

E as portas, estão todas trancadas?

BRABÂNCIO

Ora, para que me perguntais isso?

IAGO

Chagas de Cristo, sois roubado, ó senhor! Tende pejo, ponde vestidura!
O peito se vos rasga! Fugiu-vos mei' alma!
Agora mesmo, mesmo agora, muito agora,
Um bode preto fossa a vossa branca ovelha.
De pé; o sino acorde o povo que ressona,
Senão o demo vos fará avô.
De pé, vos conjuro!

BRABÂNCIO

Como! Perdestes o siso?

RODRIGO

Vossa mercê conhece a minha voz?

BRABÂNCIO

Eu não. Quem sois vós?

RODRIGO

Meu nome é Rodrigo.

BRABÂNCIO

Pois sejas mal vindo.

Proibi-te de me rondar as portas.
Ouviste-me a dizer-te francamente
Que a minha filha não é para ti; e agora,
Transtornado da ceia e das bebidas,
Em maldosa farronca vens aqui
Perturbar meu descanso.

RODRIGO

Oh senhor, senhor...

BRABÂNCIO

Mas podes ter certeza
Minha têmpera e posição têm poder
P'ra te fazer amargar.

RODRIGO

Calma, bom senhor.

BRABÂNCIO

Que é isso de roubarem? 'stamos em Veneza;
Minha casa não é uma quinta num ermo.

RODRIGO

Muito grave Brabâncio,
A vós venho com alma pura e simples.

IAGO

Pelas chagas de Cristo, sois dos que não servem Deus se o demo vos pedir. E, como viemos em vossa ajuda mas nos julgais vilões, deixais um cavalo bárbaro cobrir vossa filha; vossos netos relincharão; tereis corcéis por primos e ginetes por família.

BRABÂNCIO

Que ímpio canalha és tu?

IAGO

Um que vem a dizer-vos: a vossa filha e o Mouro estão agora a fazer o animal de duas costas.

BRABÂNCIO

És um vilão!

IAGO

E vós... um senador.

BRABÂNCIO

Tu responderás por isto. Eu conheço-te, Rodrigo.

RODRIGO

Senhor, respondo o que quiserdes. Mas, vos rogo,
Dizei-me se é de vosso gosto ou sábio grado,
Como em parte acho que é, que vossa gentil filha
Nesta indecisa e surda hora da noite,
Fosse levada sem cavalo ou melhor guarda
Que um moço a soldo público — um gondoleiro —,
Para as garras grosseiras de um Mouro lascivo...
Se isto é de vós sabido e de vossa licença,
Vos fizemos insolente e ousado mal;
Mas, se o não sabeis, os bons modos dizem
Que errais na reprimenda; não acrediteis
Que eu me esquivara a toda a cortesia
Para folgar troçando de vossa mercê:
Repito, se vós não o consentistes,
Muito rebelde foi a vossa filha
Ligando o seu dever, beleza, alma e fortuna
A um estrangeiro vagabundo, errante,
Daqui e de nenhures. Comprovai-o já:
Se estiver no seu quarto ou vossa casa,
Atirai contra mim a justiça do Estado
Por vos ter enganado.

BRABÂNCIO

Feri lume aí, oh!

Trazei velas! Chamai a minha gente!

O acidente não difere do meu sonho.

Só pensar isso já me oprime o peito.

Luz, disse eu! Luz!

(Desaparece da janela.)

IAGO

Adeus, pois vos devo deixar.

Azado não será nem próprio do meu posto